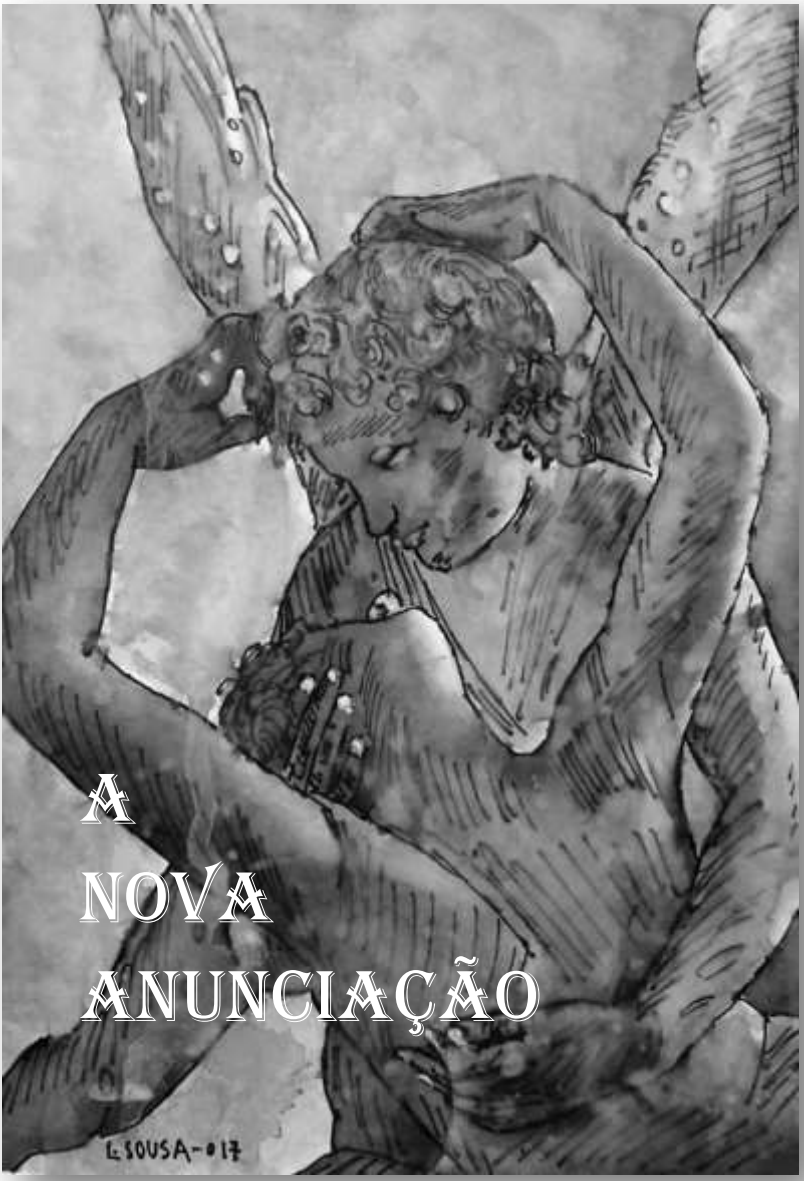

A
NOVA
ANUNCIAÇÃO
L.SOUSA-017

Título: A nova anunciação
Autor: Cyro Mascarenhas
Ano: 2018
Capa: Tela de Lopes de Sousa / Aveiro-Portugal
Revisão: Cyro Mascarenhas e Hermes Peixoto
Diagramação: Reinadi Sampaio

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

R696n
Rodrigues, Cyro Mascarenhas
A nova anunciação / Cyro Mascarenhas Rodrigues. – 1. ed. – Brasília, DF: [s.n.], 2018.
296 p. ; 14x21cm.

ISBN 978-85-5697-435-8

1. Literatura brasileira. 2. Poesia brasileira. I. Título.

CDD B869

Cyro Mascarenhas

A NOVA ANUNCIAÇÃO

Sumário

PREFÁCIO 13

POEMAS DA JUVENTUDE
As duas flores 21
Desperta povo 23
Coragem, mamãe 24
Lamentações 25
A minha estrela 26
Rendição 27
Desespero 28
O amanhã 29
Poema do fim 30
Vida triste 31
Desejo todo um só 32
O deprimente 33
Sonho de carnaval 34
Sonho e profecia 35
Você e a outra 36
Súplica maior 37
Pelé ou Copa 66 38

BRASILÉIA DESVAIRADA
Brasiléia desvairada 41
Brasiléia desvairada II 42
Amantes esquecidos 43
Triste primavera 45
A nova anunciação ou Teorema 46
Poema à companheira e amiga 49
Em busca do Senhor 50
Morena 53
A noite em que tio Viva partiu 54
Poema do astronauta 57
Psicose 59
Barroterapia 60
Cheirinhos de infância 63
Eu e a primavera 65
Coerência onírica 67
Manifesto 68
Consumação 69
As almofadas do senhor doutor ou de como uma tampa de latrina... 71
Da minha paz 75

Promessa de amor 76
Balada do voo sem regresso 77
Poeta sou, quem não o é? 79
Balada do suicida 81
Indecisão 82
Autofagia 83
Mensagem de vida 85
Abertura 86
Afasia / Caindo na real 87
Poemeto / Poema ontológico 88
Poeminha do divã 89
Amor à tarde 90
Amor e paz 91
Se 92
Mister x mistérios / Inútil 93
Definição 94
Recado 95
Prazer do depois 96
Deslumbramento 97
Balanço sumário 99
Uma tarde agosto 100

DO MORRO DE SÃO PAULO AO FORTE DA BARRA
Um sonho 103
Cacos e pedaços 105
Vontade de explodir 106
Leal companheiro 107
A partida 108
Meus versos 109
Lição de resistência 111
Velho tronco de coqueiro 113
A descoberta 114
Reminiscência 115
Balada dos pescadores 116
Despertar na Barra 117
Caminhada 119
Amargo regresso 121
Porto da Barra 123
Dialética celeste 124
Meditação 125
Verão no Morro de São Paulo 126
Depressão 127
O besouro e o poeta / Egoísmo celeste 128
Registro / Eu e o mar 129
Por do sol no Morro 130

Verão 86 131
A quase bela da tarde 132

POR OUTROS ESPAÇOS
Na intenção 135
Poema bar – Rua da Malva s/n 136
De fato, um sonho 137
Metamorfose 139
O silêncio da noite / Túmulo 140
Crepúsculo na Paulicéia 141
Frente ao mar 143
Uma tarde outono 144
Reina Sofia 145
Voando com Lindonéia 146
Lágrimas 147
Tributo ao poeta Luciano Passos 148
Porto Seguro 149
Murmúrio de rosas 150
Um desejo 151
Grãos e fome 152
Silfo Negro vive / Confabulando 153
Quando mano Dinho partiu 154
Infância revisitada 157
Que diria Anne Frank 160
Relendo Pessoa / Dilema pessoniano 162
O menino dos meus olhos 163
Vovó Neném 164
As flores e eu 167
Mimo de aniversário 169
Quarta-Feira de Cinzas 170
Bahia, minha poesia 171
Mensageiro da luz 174
Ecos de uma epopeia 175
Rutina en la Isla / Reminiscência 178
Rondel 179
Canto Magister 180
Eu sou você amanhã / Tempo e vida 182
Da minha infância em Conceição da Feira 183
O mistério da baga 185
Consumatum est 187
Flor princesa / Super lua e eclipse 189
Ante a tela de Sofia 190
Oferenda 191
Para ser poeta 192
Ave, Irene! 193

Na ciranda da poeta pássara 195
Data venia 196
(Des)esperança 197

SONETOS
Tuas mãos 201
Duas faces de uma mesma moeda 202
Orquídea rubra 203
Da minha partida 204
A Miguel Hernández, poeta del pueblo 205
Sê bem-vinda, Clarinha 206
Vaidade das vaidades 207
Amor vetusto 208
Dormindo com meus botões 209
Nas pegadas do sol 210
Saudade da Bahia 211
Resisto 212
Tributo a Gabriela Mistral 213
Ipê branco florido 214
Criança esperança 215
Emoções verberadas 216
Martírio no inverno 217
Solilóquio 218
Desejo 219
A Lucas, meu neto que vem 220
Véspera de Natal 221
Paixão e obsessão 222
Poética 223
Nuventerapia 224
Soneto do inverno 225
Tributo a Isabela 226
Soneto à poeta amiga 227
Soneto da revelação 228
Soneto da contrição 229
Soneto do amor perdido 230
Decifra-me 231
Soneto 232
Labirinto 233
Soneto da inspiração 234
Soneto da consolação 235
À flor mamãe 236
Amor e tempo 237
Apelo 238
Liberdade 239
Soneto da partida 240

INDRISOS

Receita de indriso / Nuvem sorridente 243
Dissimulando / Alma plangente 244
Pedido / Indriso para Dona Beja 245
Fantasia / Por um momento 246
Penitencio-me / Quixotesco 247
Luz do encanto / Rogativa 248
O velho e o novo / Dilema existencial 249
A chegada de Clarinha / Declaração de amor 250
Tenho pressa / Louco amor passageiro 251
Indriso alado / Manifesto ecológico 252
Os olhos de Lucas / Morte e vida 253
Noite e dia / Tributo a Cora Coralina 254
Indriso nietziano / Principado efêmero 255
Sinestesia / Ais 256
Véspera de Ano-Novo / Um indriso para Isolda 257
Inútil querer / Amor por inteiro 258
Vade retro / Tudo tão igual 259
Por quem os sinos dobram / As corujas e estupor 260
Chutando o balde / Lance onírico 261
O que fazer? / Dos meus quereres 262
Indriso ecológico / Buquê de rosas no lixo 263
Eclesiastes / Verão chuvoso 264
Oniromancia / Indecência 265
Indriso sensual / Lágrima de estrela 266
Sonho e realidade / Rebeldia 267
Indriso espacial / Indriso de um ser só 268
Poema natimorto / Tempo de mudar 269
Resisto / Desvario de outono 270
Deixa eu dizer / O silêncio e o poeta 271
Indriso triste 272

HOMENAGENS EM ACRÓSTICOS

Acrósticos de 1 a 23 275

APÊNDICE

Alma de menino - Valdeci Barreto 293

Prefácio

Nas mãos um relicário. Nele foram guardadas as emoções mais afetivas do poeta Cyro Mascarenhas Rodrigues, transformadas em poemas, sonetos, indrisos e acrósticos, misturados num espaço-tempo-mágico que se separam ao bel prazer do leitor, que pode escolher nos quatros escrínios do relicário a joia que deseja usar. E como elas enfeitam bem a alma de quem as lê!

Quando se abre o livro as primeiras joias são flores; duas flores de um mesmo jardim, vivendo o encantamento da beleza e das diferenças e conduzindo o poeta para um poema que, mais tarde, virou a sua vida e, temporariamente, o seu modo de escrever: *DESPERTA POVO - Desperta, povo / que a hora é nossa / Vem para a rua / Exigir liberdade /Cansado que está / De ser explorado / De ver seus filhos / Morrerem à mingua / Pelo desperdício / Dos que o oprimem.* E por mais 16 versos o poeta de dezenove anos, passeia no lombo do seu ideal libertário. Era o ano de 1964. A ditadura sentiu-se ofendida, e com o poema, insultada e desrespeitada. O jovem poeta é preso e separado do seu mundo. No cárcere, seus poemas passam a ter a marca da opressão sofrida e o desejo de liberdade. Estão no escrínio mais sombrio do relicário: são lindos, tristes, desejosos, saídos diretamente da alma para as estrelas, companheiras de cela. Leiam com veneração: Lamentações, A minha estrela, Rendição, O deprimente, Desespero, Vida triste, O amanhã e Coragem mamãe, uma mensagem de conforto para aquela que sofria com ele: *Ouça querida, / Estamos vivendo a dor /Penitência iníqua /De um mal abstrato /Que abruptamente /Nos separou.* Para a sua amada, uma mensagem idílica cheia de recordações: *Cá entre abelhas busco refúgio /para sonhar com o meu amor distante /ouvindo o cantar de pássaros /e sussurros de águas mansas /em córrego límpido e frio*. A mensagem para o companheiro Martins é tão bonita*! Sonhei com o negro Martins /O sorriso branco, em sua face negra, /Me dizia que o pesadelo passou. /Empunharíamos juntos, novamente, /Aquela bandeira há*

muito arreada /Numa trágica manhã De primeiro de abril. Em 1971, no ultimo poema de cárcere Cyro invoca os deuses: *Por favor desenterrem os deuses /Eu preciso deles /Urgentemente /Por favor, façam vir os deuses /Eu preciso de forças /Desesperadamente /Por favor ressuscitem os deuses.*

Brigando com a sua consciência de militante parte pra uma Brasiléia Desvairada, segundo escrínio do relicário onde estão guardadas 51 pérolas do poeta, falando da sua existência nos anos 80, seus sonhos, suas lembranças, seus ais, penas, sorrisos, alegrias. Em 1985 a sua poesia fica mais cadenciada, mais perfeita nos aspectos sociais e afetivos, reportando as lembranças de um tempo passado e recente: *ocupo espaço, nada faço / sou escravo da hora que demora / mas pouco importa /se estou livre às seis /e corro feito louco pela W3 /em busca de uma identidade /cada vez mais distante/ perdida para sempre.* O autor nem imagina quantas vezes procurei esta identidade durante a ditadura e como me doía não ter participado, tão ativamente, como ele e tantos outros companheiros que participaram, que morreram pela causa e sofreram as agruras do regime. Na Brasiléia ele continuava frequentando livrarias, amando nos estacionamentos, buscando manifestações que defendiam as minorias, ou algum preso político e especulando, com ironia, a sua derradeira viagem: *quando da minha viagem /para o Campo da Esperança /qual número mesmo eu vou ser?*

A nova anunciação, poema que dá título ao livro, é um poema perfeito. Sempre gostei dele. Se o autor tivesse escrito somente ele, já se bastaria como poeta e profeta. Sempre que o leio, o faço duas ou três vezes para saborear as frases e viver a transformação do anjo anunciador em Narciso, de Narciso em Eros, de Eros em Afrodite, de Afrodite em Vênus. E, sem separar sexo, mesmo por que dizem que anjo é assim, não tem sexo, o seu anjo da nova anunciação faz amor na plenitude com todas as criaturas mortais / jovens, maduros e velhos / negros, brancos e amarelos / machos e fêmeas, / hetero, homo e bissexuais e qual um teorema em transe, multiplica o próprio corpo / e o distribui igualmente para todos: / crentes, ateus, marginais, / empregados e patrões, / estudantes e professores, / governantes e funcionários / prostitutas, mendigos, / militares e profissionais liberais. É um poema denso como a Cavalgada das

Valquírias, suave como um blue, premonitório, vibrante e especulativo como a Nona Sinfonia de Beethoven. Musica... Muita música. Solucionado o teorema, transformando-se e transformando ele readquire as suas asas e alça voo para o espaço infinito, deixando atrás de si a humanidade feliz (palmas). E sob o olhar sereno do anjo da anunciação seguem-se neste capítulo poemas e poemas, os mais diversos do relicário. Como uma cornucópia derrama fertilidade, riqueza e abundância de versos e rimas. *Senti inveja dos amantes no gramado da torre de TV, abri a porta do meu coração e encontrei Jesus se materializando no vértice da cruz, símbolo maior da sua agonia, desci da cruz e fui com Ele para a rodoviária. Era um sábado, num quarto aconchegante alguém fazia amor na tarde da Brasiléia sob um crepúsculo cinzento de uma triste primavera.* Ler este capítulo sem a companhia do autor não é recomendável, pois as histórias são tantas que a mente se entorpece de emoções, sendo necessário fazer uma Barroterapia no bar de Barrão ou libertar-se, seguir os apelos do id, para colher em uma dimensão infinita a grandeza do divã ou entender a partida do tio Viva ou do mano Dinho. E por falar em família, ainda tem o poema do astronauta para Yuri, o poema da descoberta, para Lara, a elevação da Reina Sofia, a masculinização das meninas dos seus olhos para saudar Lucas e muitos poemas para Edinha, o seu grande amor. Não faltam homenagens: para Luciano Passos, herói da poesia, e Eudaldo, herói da resistência e do ideal; para Nelsinho, o poeta das cores, para Elizete, a divina dama da fotografia musical, para Marilia Paranhos, um eterno azul, para Lita Passos com quem dança uma pássara ciranda, para Zélia Nicolodi, a quem não conseguiu dar um mar azul, porque ela já o tinha nos seus olhos e para Dona Irene de quem se despede, "sentadinha e sorridente na livraria da Comunhão".

Levaria muito tempo tentando mostrar ao leitor a plenitude das palavras deste escrínio. Ainda embevecido, começo uma nova viagem nos meandros do capítulo mais geográfico, o terceiro, onde o relevo praiano do Porto da Barra

e do Morro de São Paulo é misturado à geografia do corpo dos humanos que desfilam entre as suas belezas terrenas como anjos de barro e sal. E ele faz com que o leitor os veja de cima empreendendo um voo: *um bate braços e pés /cada vez mais altos /cada vez mais distantes /cada vez mais leves /cada vez mais livres /achando engraçada a diminuição progressiva /dos objetos lá em baixo.*

Os dois espaços são tão importantes para o autor, que ele leva o leitor a visitá-los e conhecê-los como se estivesse vendo fotografias urdidas pelas lentes de uma máquina fotográfica, montada no porão mais luminoso da sua poesia e que nos transforma de míseros mortais em um exército poderoso chefiado por ele ou por Cyro, o persa: *flutuando sob as vistas de Cyro /o imperador /e seu exército fiel /que lá de baixo /atira lanças /para conter a audácia /de tão estranhos deuses.* Somos então municiados pelas flechas da sua poesia que nos fazem audazes durante 24 poemas, tempo e número suficientes para enlevar e percorrer os espaços do Forte da Barra e do Morro de São Paulo, conhecer suas gentes, saborear suas comidas, fazer amor com eles, pescar envolto em baladas ou mesmo acordar em plena tarde e acariciar *Um semblante sereno /contemplativo /que fita o horizonte* da quase bela da tarde. E não satisfeito, ainda sob o impacto febril e vertiginoso desses poemas, ele, imperador implacável do Morro e da Barra, nos faz abrir o quarto escrínio e caminhar por "outros espaços" assim distribuídos: num Poema Bar, na Rua da Malva, beber um metro e meio de cervejas. Sentar-se na biblioteca da Escola de Agronomia com Eudaldo e juntos declamar um poema épico sobre as peripécias vividas e concluir: *Restam a boina, a arma e a mochila. /Na mochila guardarei os sonhos /alimentos do meu dia a dia; /a boina até que me pega bem /porei a estrela do Che... /Enquanto penso o que fazer da arma /ela escorrega-me das mãos /e dispara rajadas de rosas.* Em Cuba, reviver ecos de uma epopeia e, na companhia do Mensageiro da Luz, ver a luz do seu estro e fazer mais poesia. Curtir, em Brasília, o outono do Cerrado e, no crepúsculo de São Paulo, ouvir murmúrios de rosas, entrar na noite silenciosa e cantar, com Lindonéia e Nara Leão, haicais musicais do Silfo Negro. O autor

revisita a sua infância em Conceição de Feira e aprende a arte pictórica da Reina Sofia. Considera a Quadra 2, magister de luz e cores: *Só deixarei essa Quadra /no último dia da Graça.* Grita, vibra e sofre, na Fonte Nova, com o Bahia, sua grande paixão. Em Lisboa, na Rua Garret, 120, senta-se na cadeira vazia do Café a Brasileira, ao lado de Fernando Pessoa, e compõe um poema "pessoniano", onde fingir era pura empatia, e, na Rua dos Douradores, tropeça numa baga de cigarro como se fosse a pedra de Drummond.

Sem fôlego nesta viagem por tantos mares navegados, abrimos o último escrínio do relicário. Ali, adormecidos e perfumosos, estão quarenta sonetos, cinquenta e nove indrisos e vinte e três acrósticos. Estilo novo misturando-se a velhos modos de escrever poesia. O indriso, concebido em 2001 por Isidro Sturat, poeta espanhol radicado no Brasil, o soneto, *pequena canção*, criado no início do século XIII na Sicília, vez primeira, escrito por Jacopo Notaro e o acróstico poemado por gregos e troianos ao longo dos séculos XVI e XVII, poema-homenagem, a qual aparece nas primeiras letras dos versos – Longe de mim dar aula de literatura; A explicação cabe, somente para completar que Cyro consegue, nas entrelinhas destes estilos, mostrar-se poeta sem época, emocionar o leitor e facilmente explicar o que é cada um, sem precisar dar aula de literatura. Nos seus indrisos ele aborda temas os mais variados, tira um verso do que poderia ser um soneto e nos sonetos brincar com a rigidez da forma de compor, com rima e métrica estabelecidas pela lei, e conseguir a beleza correta das mensagens de amor e sensualidade aliadas ao trivial do dia a dia e dos ardores das paixões.

Resta-nos retirar do escrínio os acrósticos. A composição poética acróstico consiste em formar uma palavra ou frase vertical com as letras iniciais ou finais de cada verso, gerando uma sequência significativa de um nome. Gênero difícil pois se o poeta não separar a homenagem da qualidade em dizê-la, o texto torna-se piegas. Não é o caso deste poeta. Ele

consegue homenagear pessoas, fatos e coisas sem perder a qualidade poética do seu criar:

D e uma alma poética formosa e lírica
O uço extasiado o sibilar de versos...
C omo folhas de coqueiro, ao vento suave,
E mbalam-me sonhos de doce mistério.

V ejo então o mundo real com outros olhos!
A luz da poesia inunda-me os sentidos,
L ambuza-me o estro lírico de Euterpe.

Estou encerrando este longo prefácio, possivelmente enfadonho, mas o prefacista precisava abrir todos os escrínios; muitos, e igualmente luminosos. Sinto-me de uma pequenez poética tão grande ante esta obra! Aqui estão reunidas as composições de uma vida. Queria escrever mais. Não devo. Seria outra anunciação, por isso peço licença a Valdeci Barreto, Doce Val, para encerrar com a sua poesia. Uma estrofe do seu poema-homenagem "Alma de Menino", que sintetiza tudo que foi dito.

Encontro nos teus poemas às vezes um triste canto,
Perdido entre teu pranto e o sorriso cristalino,
Que sopra ao vento um grito, um chamado,
A estender os braços com tua alma de menino.

Realmente a "Nova Anunciação" é coisa de anjo e anjo tem alma de menino.

Aceite este livro como a forma de um novo anunciar. As suas páginas são anunciações por vezes insondáveis, por vezes conflituosas, na maioria das vezes amoráveis, mas com um imenso "bem querer" como pano de fundo, como é conveniente a toda e qualquer anunciação, divina ou terrena.

Hermes Peixoto
Escritor e poeta da Academia de Letras do Recôncavo.

Poemas da Juventude

As duas flores

Vivendo na mesma borda
Cresciam as duas flores
Uma mui bela e calhorda
Outra débil e sem odores.

A primeira, nobre rosa
Das mais lindas do jardim
Era soberba e orgulhosa
E sempre falava assim:

Não vês como sou ramada
Cheia de encanto e esplendor?
Tal como rosas douradas
De inestimável valor.

Com o meu soberbo ramalho
Entre vós sou eu galã
Sou preferida do orvalho
Que me beija toda manhã.

E tu, pobre margarida,
Quem poderá te adorar?
És uma flor retraída,
Quase sempre a mais vulgar.

A falação prosseguia
Cada vez mais animada
A margarida sorria
Ouvindo tudo calada.

Nisto surge das folhagens
Um displicente infante

Com gesto quase selvagem
Fita a nobre flor pedante

Aproximando-se da alteza
Arrancou-a de seu galho
Despetalando a princesa
Transformando-a em migalhos

A margarida tremia
Vendo esta que há pouco
Era uma rosa em botão

Horrenda e esfarrapada
Mutilada, já acabada
Espalhada pelo chão!

Depois de muito chorar
A margarida pensou:
É certo que sou vulgar

E também não tenho odor
Mas vivo bem sossegada
E melhor viver assim

Que ser bela e desejada
Soberba, esguia e ramada
E ter este triste fim.

Desperta povo

Desperta, povo
Que a hora é nossa
Vem para a rua
Exigir liberdade
Cansado que está
De ser explorado
De ver seus filhos
Morrerem à mingua
Pelo desperdício
Dos que o oprimem.

Desperta povo
Que a sua força
É maior que a força
De todas as forças
Que o espoliam
Maior que a cifra
De todas as cifras
Que os gringos nos roubam.

Desperta, povo
Que o bem-estar
Bem como a justiça
Serão conquistados
Por suas mãos,
Elevando bem alto
Aquele ideal
Que se concretiza
Na revolução.

Coragem, mamãe

Ouça querida,
Estamos vivendo a dor
Penitência iníqua
De um mal abstrato
Que abruptamente
Nos separou.

Revivo o passado,
Procuro uma explicação,
Vejo o embuste
Aliado à maldade
De homens medíocres
Desta pobre nação
Que chora.

Lamentações

Lá fora chove
O mar rebela-se
O vento assovia
E o céu escurece.

Cá dentro choro
Por não ser livre
Igual à chuva
Incontrolável.

Por não ser forte
Igual ao mar
Impetuoso.

Por não ter gáudio
Igual ao vento
Hilariante.

Porém minh'alma
Igual ao céu
Escurecido
Submerge triste
Entre as grades
Deste cárcere.

A minha estrela

Ela virá?
Sim, ela virá,
Tenho certeza.

Ainda ontem, anoitecendo,
Ali estava.
Sobre o horizonte policromado
Reluzia.

E o mar calmo, taciturno
Indiferente à minha angústia
Embalava o barco que passava.

Hoje estou desolado...
Vejo o mar, o barco, o horizonte
E a minha estrela não veio.
Fugiu deixando a paisagem
Tão vazia quanto a minh'alma.

Rendição

Ave bestas do apocalipse!
Triunfastes tragicamente
Contrariando a razão e a lógica.
É preciso saciar vossa torpeza
Neste trágico e abominável festim;
Urra, prende, esfola, mata,
Calunia, persegue e maltrata
Pois que a vitória é vossa
E nós quedamos ante o irremediável.

Diante da fatalidade
Derramamos agora nosso pranto
Impotentes, traumatizados
Surdos aos insultos,
Mas serenos e confiantes
No curso da história.

A verdade um dia virá
E o direito terá força;
Tudo não passará
De um vácuo temporário,
Um minuto da história.

Enquanto isso, o mau se avoluma
E as bestas se locupletam
Da tragédia que promoveram.

Desespero

Meu Deus, olhai os infelizes
Que na vida nada fizeram
Por merecer as amarguras
Que lhe são reservadas,
Na solidão que tanto os deprime.

Que horror, viver é tão triste
Fracassos, desenganos,
Derrotas mal disfarçadas
Tudo emergindo em turbilhão
Que faz enlouquecer.

Será que a desgraça é perene
Que a maldade do mundo triunfa
Sobre os sonhos quiméricos que almejamos?
Sim, é a triste realidade
Que tão brusca atinge
Inocentes sonhadores.
É o golpe sórdido e atroz
Que me atingiu em lance prematuro.

O amanhã

Qual será o nosso amanhã
Se as virtudes e o bem não triunfam
Se as forças tirânicas sufocam
A cultura, a fé e a liberdade?

Onde está a solidariedade humana
Se a hipocrisia e o egoísmo campeiam
Espalhando a ambição e o ódio
Talhando uma sociedade viciada?

Afinal de que vale o progresso
Se os poucos que detém a riqueza
Insistem em olvidar seus semelhantes
Que a constroem, mas dela não participam?

De que vale o poderio militar
A conquista de mares e espaço
Se a natureza está sendo depredada
Pelo complexo industrial competitivo?

Pobres diabos nós humanos
Escravos do consumismo
Exploradores de nossos irmãos
E cultores da energia atômica.
Na ânsia incontida de conquistas
Buscamos a autodestruição,
Epílogo triste da nossa espécie.